

A Linguística Aplicada que se faz 'aqui': dez anos formando doutoras e doutores

Applied Linguistics as done here: ten years of a doctoral program

Ana Cristina Ostermann¹

aco@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Ana Maria de Mattos Guimarães²

anag@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Resumo: Este artigo tem como objetivo principal apresentar o Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), que comemora 10 anos de seu credenciamento para a formação em nível de doutorado. A apresentação é feita por meio de dois movimentos: o de olhar para trás e analisar sua breve história e o de refletir sobre o atual momento – tudo isso, *vis-a-vis* discussões atuais sobre a Linguística Aplicada no cenário brasileiro e fora dele. Também abordamos como chegamos à concepção de Linguística Aplicada que embasa o Programa e que dá alicerce à sua área de concentração, e discutimos como suas linhas de pesquisa se articulam com essa concepção.

Palavras-chave: Linguística Aplicada; linguagem; interação.

Abstract: This article, as part of the celebratory special issue, presents the Unisinos Graduate Program in Applied Linguistics which is celebrating its 10th anniversary of CAPES accreditation as a Doctoral Program. It does so by looking back at the origin of the Program and its history, and by reflecting on its current status *vis-a-vis* the debate about the past and future of Applied Linguistics – both in Brazil and abroad.

¹ Professora Titular do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e Bolsista de Produtividade em Pesquisa no CNPq.

² Professora Titular do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e Bolsista de Produtividade em Pesquisa no CNPq.

The article also traces back how the Program evolved into its current understanding of Applied Linguistics – the one that works as a foundation for the core lines of research developed in the Program.

Keywords: Applied Linguistics, language, interaction.

A concepção de Linguística Aplicada que nos ancora

O Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA) comemora, por meio deste número especial da revista *Calidoscópico* – dentre outras atividades celebratórias –, seus dez anos de credenciamento do nível de doutorado. Neste artigo, buscamos fazer dois movimentos típicos de quando se ‘aniversaria’: olhar para trás, de onde viemos, e refletir sobre como chegamos aonde estamos. Fazemos isso não apenas olhando para como se constitui a Linguística Aplicada (LA) que praticamos aqui no Programa de Pós-Graduação da Unisinos, mas também a partir de discussões no cenário internacional.

Em 1992, Maria Antonieta Celani publica uma revisão hoje clássica no Brasil: *Afinal, o que é Linguística Aplicada (LA)*. Nesse texto, Celani traça o histórico da área no mundo e no Brasil, partindo da descrição de seu entendimento inicial – o do estudo de ensino e aprendizagem de inglês como língua estrangeira – até chegar a conceptualizações epistemológicas atualizadas – claro que atualizadas apenas até 1992. O interessante é que larga parte do que Celani discutia sobre a LA em 1992 ainda é vigente.

As três concepções de LA tratadas pela autora à época eram: (i) LA entendida como ensino/aprendizagem de línguas (Corder, 1973); (ii) LA entendida como consumo e não com produção de teorias (Widdowson, 1984; Brumfit, 1995); (iii) LA entendida como área interdisciplinar.

A concepção (i) ainda se constitui como predominante em vários programas de Linguística Aplicada ao redor do mundo. Contudo, a LA tem se expandido cada vez mais, de forma a incorporar inúmeros outros temas e contextos de investigação para além do ensino e aprendizagem de línguas (Magalhães, 2019). Um convincente atestado dessa expansão é a própria programação da última edição da AILA (Associação Internacional de Linguística Aplicada), que aconteceu no Brasil, em 2017, e que, dentre as inúmeras temáticas que contemplou, constam, por exemplo, linguística *queer*, políticas linguísticas, análise da conversa, multimodalidade e corporificação na Linguística Aplicada.

No que se refere à concepção (ii), ainda que vigente em certas ramificações da LA, definitivamente não representa como um todo a Linguística Aplicada que se faz no Brasil ou fora do país. Aliás, se fosse esse o caso, nem mesmo poderíamos ter adentrado a formação acadêmica (não apenas profissional) de doutores e doutoras. É evidente o crescimento exponencial de produção *teórica* da Linguística Aplicada em todas as suas disciplinas e especialidades, inclusive nos próprios estudos mais – *stricto sensu* – ‘aplicados’.

Finalmente, no que tange à (iii), da relação da LA com outras disciplinas, acreditamos que a concepção demanda mais larga discussão. Em 2015, o periódico *Applied Linguistics* publicou um número especial dedicado ao tema “Definições para a Linguística Aplicada” (volume 36/4). Apesar do termo ‘definição’ parecer voltar à discussão da velha temática “o que é a Linguística Aplicada” – algo que aquele número especial também faz –, a discussão se desdobra, em larga medida, para ‘definições’ do

que seriam os *rumos* propriamente ditos da área. Dois dos artigos publicados naquele número especial, Cook (2015) e Shuy (2015), serviram de discussão em nosso próprio Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, tanto para uma “parada estratégica” de reflexão sobre a nossa identidade como programa, como para nossas próprias definições de para onde vamos e/ou queremos ir. Da mesma forma, esses dois artigos tornaram-se leituras obrigatórias em algumas de nossas seleções discentes e disciplinas da pós-graduação desde então.

Nosso interesse mais particularizado por esses dois textos advém, em especial, de suas perspectivas quase antagônicas sobre o estado atual da Linguística Aplicada e seus possíveis rumos. Cook (2015) traz à pauta uma discussão histórico-crítica sem precedentes da Linguística Aplicada. A LA, como muito bem argumentado por Moita-Lopes (2006) e Lopes (2008), é mestiça, híbrida, ideológica e indisciplinar. Cook (2015), contudo, por meio do uso de uma metáfora evolucionista – “de dinossauros a pássaros” – pujantemente argumenta que o largo crescimento e as expansões interdisciplinares, metodológicas e mesmo epistemológicas da LA acabaram por fazer com que a área perdesse toda e qualquer unidade. Sem fazer rodeios, o autor assevera que “é melhor que reconheçamos que a unidade desapareceu, aceitemos uma nova realidade, desfrutemos, por si só, da nova diversidade da investigação da linguagem em uso e deixemos de tentar sofisticadamente manter uma falsa unidade” (Cook, 2015, p. 425, *nossa tradução*). Não entendemos que Cook critique essa perda de unidade, ainda que, frequentemente, seu texto deixe emergir certa nostalgia de alguma unidade ‘perdida’. Em vez disso, o autor clama para que paremos de buscar uma unidade que não mais existe – e que nem teria mais como existir frente aos desenvolvimentos e rumos tomados nos mais diferentes estudos que continuam se produzindo ‘sob o guarda-chuva’ da “Linguística Aplicada”.

As pesquisas desenvolvidas sob a rubrica da área englobam as mais diversas especialidades, que vão desde os estudos (mais clássicos) de ensino e aprendizagem de línguas, mas que também perpassam multilinguismo, políticas linguísticas, (multi)letramentos, tradução, análise crítica do discurso, linguística de corpus, análise da conversa, linguística interacional, multimodalidade, linguística *queer*, entre outros. Cook (2015) argumenta que, enquanto a diversidade de assuntos sob o escopo da LA é muito bem-vinda, em tempos que nos forcem a sermos “especialistas” em algo, também pode ser um ameaça. Isso acaba sendo o caso, segundo o autor, especialmente porque cada uma das subespecialidades da linguística aplicada tende a ter seus próprios leitores/as especializados/as que, por sua vez, também buscam se especializar mais e mais (Cook, 2015).

Contudo, nesse panorama, é interessante observar que, enquanto no cenário internacional vários periódicos – especialmente aqueles em língua inglesa – cada vez mais se especializam em subáreas da LA (por exemplo, *Critical Discourse Studies*, *Social Interaction*, *Gender and Language*, *Journal of Second Language Studies*, *Research on Language and Social Interactions*, *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, *International Journal of Corpus Linguistics*), no Brasil, a maior parte das revistas ainda são mais generalistas, buscando navegar pelas diferentes subespecialidades por meio de números temáticos.

Cook (2015), há que se pontuar, certamente não se mostra contra essa diversificação e ramificação das subespecializações da área. Contudo, argumenta fortemente que a busca incessante por uma definição unificada de Linguística Aplicada, especialmente depois do enorme crescimento pelo qual a área passou,

é de veras problemática. A expansão da área, como mostra o autor, “levou a encontros com novas metodologias e abordagens que tenderam a colonizar rapidamente a LA ao invés de serem colonizados por ela.” (Cook, 2015, p. 428, *nossa tradução*). Observe-se que essa é uma crítica bastante importante. As diferenças na LA perpassam todas e quaisquer esferas, desde os objetos e temas investigados, passando pelas metodologias e chegando até mesmo a diferenças epistemológicas – que abarcam entendimentos díspares de língua(gem). Isso fica especialmente evidente, por exemplo, no sentido de que há pesquisas em LA que olham para questões de ensino/aprendizagem de línguas adicionais que vão desde uma perspectiva *social* até *cognitivista* de linguagem, e desde abordagens metodológicas *etnográficas* até *psicolinguísticas*, e desde a utilização de métodos *observacionais-qualitativos* até *quantitativos*.

Como mostramos a seguir, esse entendimento da área é também muito o que define o nosso próprio Programa de Pós-Graduação de Linguística Aplicada (PPGLA) na Unisinos. Não almejamos, nem buscamos uma unidade – algo que, claramente, não (mais) existe em LA, como argumentado por Cook (2015). Pelo contrário, acolhemos e abraçamos as diversidades metodológicas e temáticas de pesquisas em nosso PPG. Contudo, ainda buscamos uma coesão – a de pesquisarmos linguagem *em uso*, de promovermos reflexões (críticas) sobre linguagem em uso e, sempre que possível, de propormos, por meio dos resultados de nossas pesquisas, soluções alternativas para problemas na sociedade que envolvem linguagem em uso.

O PPGLA, nesse sentido, se mostra singular frente a outros Programas na área. Temos trabalhado árdua e criativamente, como propõe Shuy (2015), na identificação de situações e contextos em que um/a linguística aplicado/o pode – e *deve* (!), em nosso entendimento – atuar sem necessária restrição a determinada metodologia ou mesmo paradigma de entendimento de língua(gem). Para além da Educação, o PPGLA tem produzido não apenas conhecimento, mas também atuado de forma prática, na Medicina e no Direito, por exemplo. Também temos buscado incentivar nossos egressos a se construir e atuarem profissionalmente em espaços para além da própria academia.

Em certa medida, também temos buscado interagir com a Linguística em si – não nos restringindo apenas à ‘aplicação’ –, de forma a construirmos novas e mais alargadas frentes de atuação, em particular, para nossos/as egressos/as, que enfrentam um mercado cada vez mais competitivo. Esse movimento gera maior qualificação de via dupla – tanto para Linguística Aplicada como para a Linguística *Não* Aplicada – e evidencia o quanto essa relação pode ser produtiva para ambas as áreas (e.g. Ostermann e Harjunpää, no prelo). Com isso, como sugere Shuy (2015, p. 440), podemos aumentar as oportunidades de empregabilidade para nossos/as futuros/as doutores/as, já que essa demanda de vida dupla é cada vez mais evidente nas descrições de perfis em chamadas de concursos e posições de emprego em sites como o *Linguist List*.

Finalmente, temos também realizado um exercício contínuo de ‘ocupação’ de espaços na mídia, especialmente via popularização da LA. Como exemplos desses esforços destacamos a *Revista Linguarudo* (2019) de popularização da ciência e o primeiro TEDx (Ostermann, 2018) no Brasil que discute desdobramentos de pesquisas em Linguística Aplicada. Afinal de contas, se nossos trabalhos são de interesse à população – no momento em que investigamos linguagem *em uso* e buscamos *soluções e reflexões críticas* para problemas de linguagem em uso na vida aí fora – é também para a sociedade para quem nossos resultados precisam retornar. Entendemos esse retorno à sociedade como muito mais do que uma necessidade; é um dever ético.

A Linguística Aplicada que se faz por aqui

Em certa medida, fomos um grupo corajoso na Pós-Graduação em Linguística Aplicada no Brasil por termos ousado constituir um programa de doutoramento que rompia com a visão clássica de LA como formadora de professoras e professores. Abraçamos e incorporamos a diversidade *na e da* LA em nosso programa: diversidade de enfoques teóricos, de objetos de investigação, de contextos de investigação.

Essa ousadia se inicia pela área de concentração do Programa: *Linguagem, Tecnologia e Interação* e suas linhas de pesquisa: *Linguagem e Práticas Escolares; Texto, Léxico e Tecnologia e Interação e Práticas Discursivas*.

O conceito de linguagem que nos mantém integrados parte da interação, compreendida como evento interacional em si e como uma atividade conjunta de constituição de sentidos. Trazer a tecnologia para o centro do programa nos levou a ultrapassar fronteiras, lembrando que:

- a revolução científico-tecnológica faz a sociedade humana se reorganizar como sociedade do conhecimento e da informação (Ambrasi *et al.*, 2005);
- precisamos nos constituir como sujeitos dessa revolução para que nossos valores se ressignifiquem dentro desse contexto.

Nosso doutorado em LA, ao completar uma década, mostra que é possível ultrapassar essas fronteiras, ao fazer:

- interface com as novas tecnologias: papel no mundo virtual; questões de linguagens artificiais; formação de ontologias;
- interface com o mundo do trabalho: linguagem presente em todos os níveis das relações humanas.

Isso quer dizer que pesquisas de diferentes áreas, não apenas relacionadas às ciências humanas e sociais, mas também voltadas à gestão e à saúde, por exemplo, vêm sendo motivadas pela perspectiva de melhor refletir sobre diferentes processos de socialização que ocorrem nos mais diversos contextos. Também nesse sentido, abrimo-nos para a diversidade. A linguagem é, nesses casos, a marca mais simbólica das trocas que ocorrem em subculturas específicas (entre patrão e empregado, colegas de trabalho, professor e aluno, médico e paciente, enfermeiro e paciente, teleatendente e cliente). Independentemente do enfoque teórico-metodológico particular, é inegável que o estudo da linguagem tornou-se central para a investigação de contextos e fenômenos sociais das mais diversas naturezas.

Nosso doutorado tem investido nesse sentido, nas teses produzidas se encontrando a expressão do que foi posto como nossa área de concentração; 70% delas trazem a interação em seu resumo e 25% abordam a tecnologia. As 59 teses apresentadas até agora abarcam diferentes contextos institucionais, a diversidade do que falávamos no início. Mesmo sendo o contexto da escola o mais estudado, há um

enfoque maior no agir do docente do que na exploração mais tradicional de práticas de ensino. O contexto da saúde é revisitado pelas ações que acontecem via interação (verbal, não-verbal, manipulação de objetos, etc.), assim como os contextos empresariais e jurídicos. Estamos, assim, pelas pesquisas que desenvolvemos, reafirmando o que consideramos a prática da/o linguista aplicada/o: a inserção social, o comprometimento com processos que permitam abrir as fronteiras da pesquisa e do conhecimento, estabelecendo novas interfaces e, sempre, valorizando o papel imprescindível da linguagem em suas mais variadas modalidades.

A constituição de Linguística Aplicada no Programa de Pós-Graduação da Unisinos

Na primeira parte deste texto, fizemos o percurso teórico que nos levou a abraçar uma Linguística Aplicada híbrida, que se propõe a teorizar sobre o que e como faz e abraçar os desafios que passam pelo mundo tecnológico em que vivemos, pela fundamental intersecção de saberes de diferentes áreas, que mantém a preocupação com a educação das novas gerações e com as formas como a linguagem perpassa todas essas relações.

Se, como mostramos, a linha de pesquisa *Linguagem e Práticas Escolares* atende um maior número de doutorandos/as, isto não quer dizer que se ampare na tradicional acepção do ensino/aprendizagem de línguas. Muito ao contrário, abre-se nela o leque da diversidade, evidenciado nas diferentes produções do PPGLA. Nesse sentido, a linha de pesquisa assume uma concepção de Linguística Aplicada que alarga a compreensão dos processos linguageiros inerentes ao desenvolvimento profissional de professores e à transformação de seu agir. O foco no trabalho do docente de língua portuguesa é uma das marcas dessa linha, enfatizando sua práxis e suas interações em sala de aula e contribuindo com processo de formação continuada inovador, que chega à proposta de formação de comunidades de desenvolvimento profissional (cf. Guimarães e Carnin, 2019; Guimarães, 2016).

Da mesma forma, analisam-se como os saberes/discursos que circulam no contexto da formação continuada impactam o desenvolvimento profissional dos professores que dela fazem parte e, especialmente, suas ações didáticas em sala de aula. (Carnin e Guimarães, 2016). O trabalho desenvolvido em práticas de formação continuada permitiu também que se chegasse à concepção do dispositivo didático dos projetos didáticos de gênero (Guimarães *et al.*, 2015).

Também a ampliação da noção de letramento trouxe produções preocupadas com o *como* dos multiletramentos. O trabalho desenvolvido nesse sentido é diferenciado porque traz uma reflexão não apenas do *como* dos multiletramentos, mas também sobre interdisciplinaridade e acessibilidade midiática (Kersch e Marques, 2016). A análise, que envolve recursos verbais e não verbais, evidencia como alunos/as e professores/as se apropriam da linguagem da mídia para produzir sentido na abordagem de temas transversais e, ao mesmo tempo, colocam-se no lugar do outro (i.e. surdos), tornando os materiais desenvolvidos (nesse caso, curtas) mais inclusivos.

Destacam-se ainda análises de situações naturalísticas de ensino e, mais especialmente, de aprendizagem de línguas estrangeiras, sob o escopo da Teoria da Complexidade, teoria implementada na Linguística Aplicada por Larsen-Freeman (2011) e que tem sido entendida como uma abordagem

alternativa para os estudos sobre o desenvolvimento da linguagem dentro da área, por entender a língua enquanto um sistema complexo e, por característica intrínseca, em interação com outros sistemas, como o cultural, o social e o cognitivo.

Caminhamos, também, para uma LA crítica (Moita-Lopes e Fabrício, 2019; Rajagopalan, 2019) e com ênfase no alívio do sofrimento humano (Nicolaidis e Archanjo, 2019), em que as análises dos dados gerados focam não apenas em uma versão técnica de autonomia, em que apenas o desenvolvimento do indivíduo é a meta, mas em uma autonomia cujo desenrolar provoca, também, transformação social.

Tópicos entendidos como fundamentais para o ensino de línguas adicionais/estrangeiras também fazem parte das produções na Linha de pesquisa “Linguagem e Práticas Escolares”, como em Pessoa e Lima (2019), quando focalizam o *feedback* corretivo, entendido como interação propiciada no evento aula e revelam o papel da correção como mediadora da aprendizagem. Os estudos das representações sociais na LA são relevantes por orientarem interpretações sobre os comportamentos dos professores em serviço ou em pré-serviço.

A educação de surdos, com foco na Libras e na língua portuguesa escrita, é mais uma frente da Linguística Aplicada que empreendemos. A partir do panorama sobre a inserção e a atuação dos surdos no Brasil, considerando políticas, implicações e impactos em sua escolarização, entendemos que é nosso papel refletir sobre a educação bilíngue, revisitando práticas e compartilhando perspectivas no contexto nacional e internacional. Os surdos (e os ouvintes) devem ter acesso a ambientes linguística e culturalmente ricos, capazes de prepará-los para agir, por meio da Libras e da língua portuguesa escrita, nas comunidades surda e ouvinte. Por isso, pesquisas e reflexões que promovam o ensino/aprendizagem bilíngue e multicultural para surdos cabem na Linguística Aplicada do PPGLA (Fronza *et al.*, 2019).

Texto, léxico e tecnologia marcam os trabalhos na segunda linha de pesquisa do PPGLA. Nesse sentido, salientamos a importância da aplicabilidade de pesquisas a outras áreas, como o Direito, mediante projetos que se voltam à descrição de domínios especializados na interface entre a semântica de frames, a linguística de corpus e a lexicografia eletrônica. Na esteira dessas investigações, tem-se desenvolvido no PPGLA pesquisas que têm como objeto a linguagem jurídica, considerando a relevância da acessibilidade de tal domínio ao público leigo e semileigo. Está sendo desenvolvido, por exemplo, um portal *online* sobre léxico do Direito Processual Penal, voltado a estudantes de Direito e a demais profissionais interessados na área, que visa a descrever o domínio jurídico de forma acessível (Chishman *et al.*, no prelo).

A relação texto e léxico está presente em desdobramentos teóricos e práticos da compilação de dicionários, como foi o caso do *Dicionário Olímpico*, elaborado na ocasião dos jogos olímpicos de 2016, que apresenta diferenciais de lidar com problemas práticos de língua e comunicação e oferecer uma proposta diferenciada de organização lexicográfica eletrônica (Chishman *et al.*, 2017).

Também é objeto de pesquisa nessa linha a divulgação/popularização da ciência. Em vários trabalhos e teses, como Fukui e Giering (2016), Fukui (2017) e Padilha (2019), a análise linguística proposta é iluminada pelos princípios da epistemologia da ciência, que orientam o produtor-divulgador na composição do texto. Propõe tratar da organização textual de notícias de divulgação científica, demonstrando a passagem do senso comum para o saber científico. O objetivo geral desses estudos é

a aplicação de teorias e desenvolvimento de análises linguísticas na interface com teorias de campos como os da epistemologia da ciência, da mídia, da tecnologia e do letramento científico para o aperfeiçoamento da divulgação/popularização da ciência e da cultura científica.

Finalmente, em Borba *et al.* (2019) aparece o foco na interação como evidência de engajamento cognitivo do/a aluno/a do ensino superior e, portanto, como elemento central para que a aprendizagem aconteça. Trata-se de uma pesquisa interdisciplinar de projeção internacional que conta com a contribuição da LA para compreender os dados gerados.

O contexto da interação em diferentes práticas e contextos é o foco da terceira linha de pesquisa do PPGLA: *Interação e Práticas Discursivas*. As produções desenvolvidas nessa linha, pautando-se, em particular, no que tem sido chamado de ‘linguística aplicada das profissões’ (Shuy, 1984; Sarangi e Candlin, 2010; Oliveira, 2019), têm adentrado, dentre outros contextos profissionais, em especial, o contexto da saúde. Nesse sentido, trabalhos como os de Ostermann *et al.* (2017) e Ostermann e Frezza (2017), por exemplo, a partir do objeto analítico das interações naturalísticas gravadas e transcritas, e investigadas pela perspectiva da análise da conversa de base etnometodológica, resultaram na compreensão sobre como acontece a comunicação de más notícias. Ou seja, parte dos resultados alarga nosso conhecimento sobre a linguagem em uso em diferentes contextos da vida cotidiana e em diferentes profissões. Já outra parte dos resultados é ‘aplicada’ no estrito senso da palavra, no sentido de gerar retornos práticos para os contextos investigados, evidenciando, inclusive, como eventos discursivos de alta complexidade (como é anúncio de notícias ruins em contextos de saúde) podem ser mais ‘humanizados’.

Outros trabalhos desenvolvidos nessa perspectiva também evidenciam, via análise minuciosa da linguagem em uso, como conceitos que são normalmente entendidos como de ordem ‘macro’, como poder, autoridade, heteronormatividade e empatia, se materializam via fala-em-interação (Ostermann, 2017). Ou seja, as investigações desenvolvidas sob o escopo da análise da conversa revelam como esses conceitos são atualizados nas práticas discursivas, como, por exemplo, empatia ‘em ação’ e heteronormatividade ‘em ação’.

Avanços semelhantes são também gerados por pesquisas como a relatada em Mira e Carnin (2017), cujos resultados subsidiaram a elaboração de materiais impressos e eletrônicos de divulgação sobre o convívio com a Doença de Alzheimer (esclarecimentos sobre a patologia, formas de diagnóstico e tratamento, orientações de cuidados e apoio aos familiares) embasados no mapeamento das demandas informacionais das interações do Grupo de Apoio. Nessa perspectiva, o artigo apresenta uma forma de fazer LA em um contexto social/institucional em que há demandas relacionadas à linguagem, especificamente em relação à socialização de informações no cenário complexo e multidisciplinar de atenção à saúde das pessoas que vivem com Alzheimer.

Eis um breve resumo do que foi e é feito em nosso Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Percebe-se o fio condutor da área de concentração nas produções, pelo desenvolvimento de pesquisas sobre linguagem e interação, aliadas, muitas vezes, à tecnologia. Também evidencia-se, na maior parte das produções, o entendimento de uma Linguística Aplicada voltada para o social, com aplicabilidade em diferentes contextos da vida cotidiana e com desdobramentos para a formação de outras profissões (para muito além de Letras) que nossas pesquisas tem gerado. Um exemplo disso é a

incorporação na grade curricular do Curso de Graduação em Medicina da Unisinos de duas disciplinas de 60h que abordam linguagem e interação, a saber ‘Linguagem e Interação na Saúde I e II’ para a prática profissional, fato inédito na formação em Medicina no Brasil. Também as pesquisas desenvolvidas no PPGLA sobre divulgação científica levaram à oferta da disciplina ‘Comunicação da Ciência’ aos mais diversos cursos das chamadas Graduação Pro da Unisinos, como Administração, Arquitetura e Urbanismo, Biologia, Ciência da Computação, Ciências Contábeis, Direito, Engenharias, Farmácia, Fisioterapia e Jornalismo. Finalmente, as pesquisas sobre multiletramentos geraram a necessidade de se incorporar à formação em Letras uma disciplina de leitura e produção de gêneros multimodais mediados por tecnologias.

O PPGLA trata, pois, de uma Linguística Aplicada que não se enxerga como única, mas que abraça a diversidade temático-investigativa e metodológica e, como propõe Shuy (2015), que busca identificar situações e contextos em que um/a linguista aplicado/a pode e deve atuar! Ou seja, uma Linguística Aplicada mestiça, híbrida e, por vezes, *indisciplinar* (Moita Lopes, 2006) – mas coesa. Coesa no sentido de ampliar a discussão crítica sobre o agir por meio da linguagem e interação na sociedade, de buscar soluções para problemas que envolvem linguagem em uso. Uma Linguística Aplicada que promova, acima de tudo, impacto e mudança social.

Referências

AMBROSI, A.; PEUGEOT, V.; PIMENTA, D. (eds.). 2005. *Desafios das palavras: enfoques multiculturais sobre as sociedades de informação*. França, C & F Editions. Disponível em: <https://vecam.org/archives/article699.html>. Acesso em: 21/10/2019.

BORBA, G.S.; ALVES, I.M.; CAMPAGNOLO, P.D.B. 2019. How learning spaces can collaborate with student engagement and enhance student-faculty interaction in higher education. *In: INNOVATIVE HIGHER EDUCATION*, [s.l.], Springer, p. 1-13. <https://doi.org/10.1007/s10755-019-09483-9>

BRUMFIT, C.J. 1995. Teacher professionalism and research. *In: G. COOK; B. SEIDLHOFER (eds.), Principle and practice in applied linguistics: studies in Honour of H.G. Widdowson*. Oxford, Oxford University Press, p. 27-41.

CARNIN, A.; GUIMARÃES, A.M.M. 2016. Agir linguageiro, tomada de consciência e desenvolvimento profissional do professor em formação continuada. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, **16**:365-385. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6398201610276>

CHISHMAN, R.; BRANGEL, L.M.; SOUZA, D.S.; SANTOS, A.N.; SILVA, B.; OLIVEIRA, S. 2017. Dicionário olímpico: a semântica de frames encontra a lexicografia eletrônica. *In: M.J.B. FINATTO; R.R. REBECHI; S. SARMENTO; A.E.P. BOCORNY (eds.), Linguística de corpus: perspectivas*. Porto Alegre, Instituto de Letras, p. 265-298.

CHISHMAN, R.; SANTOS, A.N.; RODRIGUES, F.J.; RODRIGUES, B.C. (no prelo). *Frames semânticos como organizadores do léxico do Direito Processual Penal: uma proposta metodológica*.

COOK, G. 2015. Birds out of dinosaurs: the death and life of applied linguistics. *Applied Linguistics*, 36(4):425-433. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6398201610276>

CORDER, S.P. 1973. *Introducing applied linguistics*. Baltimore, Penguin, p. 392.

FRONZA, C.A.; KARNOPP, L.B.; TAMMENGA-HELMANTEL, M. 2019. Contexts, challenges and perspectives on deaf education in Brazil. In: H. KNOORS; M. BRONS; M. MARSCHARK (eds.), *Deaf education beyond the western world: context, challenges and prospects*. Oxford, Oxford University Press, p. 343-360. doi.org/10.1093/oso/9780190880514.003.0018

FUKUI, A. 2017. “*Química- nossa vida, nosso futuro*”: análise discursiva-textual do ano internacional da química, na *Revista Ciência Hoje*. São Leopoldo, RS. Tese de Doutorado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 190 p.

FUKUI, A.; GIERING, M.E. 2016. A sedução da ausência: o texto e a epistemologia da ciência. *Revista do Gel*, 13(3):176-202. <https://doi.org/10.21165/gel.v13i3.1461>

GUIMARÃES, A.M.M. 2016. O professor de Língua Portuguesa em formação continuada: conjugando reflexão e ação. *Calidoscópico*, 14(1):35-45. <https://doi.org/10.4013/cld.2016.141.03>

GUIMARÃES, A.M.M.; CARNIN, A.; KERSCH, D. F. (eds.). 2015. Caminhos da construção: reflexões sobre projetos didáticos de gênero. Campinas, Mercado de Letras, 160 p.

GUIMARÃES, A.M.M.; CARNIN, A. 2019. Gêneros de texto, escrita e uma proposta de formação continuada para o desenvolvimento profissional docente. In: E.L NASCIMENTO; V.L.L CRISTOVÃO; E. LOUSADA (eds.), *Gêneros de texto/discurso: novas práticas e desafios*. Campinas, Pontes, p. 85-112.

KERSCH, D.F.; MARQUES, R.G. 2016. Saímos do cinema de alma lavada: Multiletramentos e trabalho interdisciplinar na produção de curtas de acessibilidade midiática. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 55:77-99. <https://doi.org/10.1590/010318134899174681>

LARSEN-FREEMAN, D. 2011. A complexity theory approach to second language development/acquisition. In: D. ATKINSON (ed.), *Alternative approaches to second language acquisition*. London, Routledge, p. 48-72.

MAGALHÃES, J. 2019. A linguística além da descrição, além do ensino, além de si mesma. *Calidoscópico*, 17(4): 687-698. <https://doi.org/10.4013/cld.2019.174.06>

MIRA, C.; CARNIN, A. 2017. Histórias sobre o convívio com a doença de Alzheimer: contribuições da noção de referenciação para a análise de narrativas no contexto de interações de um Grupo de Apoio. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 59(1):157-174. <https://doi.org/10.20396/cel.v59i1.8648426>

MOITA LOPES, L.P. (ed.). 2006. *Por uma linguística aplicada Indisciplinar*. São Paulo, Parábola Editorial, 279 p.

MOITA LOPES, L.P. 2008. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo

como um linguista aplicado. In: L.P MOITA-LOPES (ed.), *Por uma lingüística aplicada indisciplinar*. 2ª ed. São Paulo, Parábola, p. 13-44.

MOITA LOPES, L.P.; FABRÍCIO, B.F. 2019. Por uma ‘proximidade crítica’ nos estudos em linguística aplicada. *Calidoscópico*, 17(4):687-698. <https://doi.org/10.4013/cld.2019.174.03>

NICOLAIDES, C.; ARCHANJO, R. 2019. Reframing identities in the move: a tale of empowerment, agency and autonomy. *Trabalhos de Linguística Aplicada*, 58(1):96-117. <https://doi.org/10.1590/010318138653993453211>

OLIVEIRA, M.C. 2019. Apenas mais um modo de fazer Linguística Aplicada. *Calidoscópico*, 17(3):687-698. <https://doi.org/10.4013/cld.2019.174.02>

OSTERMANN A.C.; FREZZA, M.; ROSA, R.; ZEN, P. 2017. Perspectivas otimistas na comunicação de notícias difíceis sobre a formação fetal. *Cadernos de Saude Pública*, 33:e00037716. DOI: 10.1590/0102-311x00037716

OSTERMANN, A.C. 2017. ‘No mam. You are heterosexual’: Whose language? Whose sexuality? *Journal of Sociolinguistics*, 21:348-370. <https://doi.org/10.1111/josl.12240>

OSTERMANN, A.C. 2018. Análise da conversa: um olhar científico sobre as falas. São Leopoldo, TEDx Unisinos, vídeo (16min 47s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=793F-Zpy0NF4>. Acesso em: 05/11/2019.

OSTERMANN, A.C.; FREZZA, M. 2017. ‘Veio o resultado do exame’: a comunicação de notícias diagnósticas (e como investigações linguístico-interacionais podem informar as práticas profissionais). *Linguagem em (Dis)curso*, 17(1):25-50. <https://doi.org/10.1590/1982-4017-170102-0516>

OSTERMANN, A.C.; HARJUNPÄÄ, K. (no prelo). ‘Oquei’ in health helpline calls in Brazil: managing alignment and progressivity. In: E. BETZ; A. DEPPERMAN; L. MONDADA; M-L. SORJONEN (eds.), *OKAY across languages: toward a comparative approach to its use in talk-in-interaction*. Amsterdam, John Benjamins. *No prelo*.

PADILHA, J.G.R.M. 2019. Álcool é droga? Uma análise dos objetos do discurso e suas representações discursivas relacionadas ao álcool em textos midiáticos on line. São Leopoldo, RS. Tese de Doutorado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 219 p.

PESSÔA, A.R.; LIMA, M.S. 2019. Representações sociais de professores pré-serviço de língua estrangeira sobre feedback corretivo oral. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 19(1): 69-90. <https://doi.org/10.1590/1984-6398201912743>

RAJAGOPALAN, K. 2019. Applied linguistics and the pressing need of the hour. *Calidoscópico*, 17(4):687-698. <https://doi.org/10.4013/cld.2019.174.05>

REVISTA LINGUARUDO. 2019. Disponível em: <https://medium.com/linguarudo>. Acesso em: 05/11/2019.

SARANGI, S.; CANDLIN, C.N. 2010. Applied Linguistics and professional practice: mapping a future agenda. *Journal of Applied Linguistics and Professional Practices*, 7(1):1-9. <https://doi.org/10.1558/japl.v7i1.1>

SHUY, R.W. 1984. Linguistics in other professions. *Ann. Rev. Anthropol.*, 13:419-445. <https://doi.org/10.1146/annurev.an.13.100184.002223>

SHUY, R.W. 2015. Applied linguistics past and future. *Applied Linguistics*, 36(4):434-443. <https://doi.org/10.1093/applin/amv016>

WIDDOWSON, H.G. 1984. *Explorations in applied linguistics 2*. Oxford, Oxford University Press, 262 p.

Recebido: 05/08/2019

Aprovado: 05/11/2019